

A APROPRIAÇÃO DA NATUREZA ENQUANTO MERCADORIA: UM OLHAR SOBRE O BAIRRO DE VARGEM GRANDE (RIO DE JANEIRO)

Aluna: Clara Machline Ribeiro de Oliveira

Orientador: Álvaro Ferreira

Introdução

Vargem Grande, bairro localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, é visto – e consumido - como um dos últimos resquícios do “rural” na cidade. O bairro localiza-se no sopé do Maciço da Pedra Branca (que em grande parte é protegido pelo Parque Estadual da Pedra Branca) e dentro desse contexto, a imagem do bairro de Vargem Grande no imaginário carioca é a de um lugar rural, um espaço onde a paz e tranquilidade predominam, em que as principais atividades são as ligadas ao campo. A grande cobertura verde pertencente ao Parque Estadual da Pedra Branca proporciona uma paisagem deveras agradável. Porém, quando se observa o lugar com uma visão mais crítica, essa imagem parece dissolver-se e os valores urbanos lá presentes saltam aos olhos do observador. Não é por acaso que a floresta do Parque Estadual é considerada por especialistas como uma floresta urbana (também não por acaso, a maior do mundo). A questão que surge em relação ao desenvolvimento urbano é a contradição entre o crescimento do bairro (e sua progressiva urbanização) e a presença do “ar bucólico”. Os restaurantes e haras lá presentes vendem serviços que têm um valor agregado pelo clima rural, pela presença da “natureza”. A procura por esses estabelecimentos tem crescido juntamente com o próprio bairro, com sua urbanização. A questão é: com essa urbanização é provável que a área verde passe a ser mais escassa, mesmo com a presença do Parque Estadual da Pedra Branca. Com isso, pretende-se entender as contradições inerentes ao sistema capitalista e de que maneira, atualmente, a valorização da natureza tem sido uma forma de se extrair lucro, ultrapassando mais uma contradição e, ao mesmo tempo, criando uma nova.

Objetivos

A presente pesquisa tem como objetivo estudar a apropriação da natureza enquanto mercadoria e a maneira como tal processo se manifesta no bairro de Vargem Grande (Rio de Janeiro, RJ). Para tal fim será necessário entender como Vargem Grande está inserida na lógica capitalista e como o capital atua naquele espaço.

Metodologia

Para o desenvolvimento da pesquisa vêm sendo utilizadas entrevistas não estruturadas com moradores de Vargem Grande e clientes de restaurantes do bairro, além de trabalhos de campo. Nestes é feita a caracterização do comércio em relação aos chamados apelos ecológicos. Está sendo realizado um levantamento bibliográfico tanto do histórico de ocupação do lugar quanto de embasamento teórico, para que possa cumprir com os objetivos traçados.

Conclusões preliminares

A presente pesquisa utiliza o conceito de lugar e trabalhará com suas especificidades em Vargem Grande. Milton Santos [2] afirma que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo” e

desta forma pretende-se contextualizar o bairro estudado em uma escala global, percebendo de que maneira se dá a contradição global/ local. De um lado se encontra a imposição de um sistema forte e com poder de decisão sobre o lugar vai atuar o capital. Este poder é transescalar e apresenta meios para um deslocamento ágil e flexível, favorecendo lugares que se enquadrem à suas condições. Do outro lado há o lugar, “contigüidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações” [2]. É a esfera do viver, da reprodução da existência humana, onde se encontram as especificidades. Dessa contradição nasce uma superposição dialética.

Segundo Ana Fani Carlos [1], “o lugar tem uma dimensão explicativa e permite entender como se realiza, hoje, o processo de reprodução da sociedade, (...) isto porque o lugar aparece como condição da realização da vida cotidiana, o que envolve uma articulação espaço-tempo pelos usos do lugar”. Essa tese contribui para o trabalho na medida em que uma das questões norteadoras é a de que maneira Vargem Grande se insere no contexto global, como esse bairro pode ser considerado uma parte contida no (e contendo o) todo.

Para Carlos, “a acumulação tende a produzir uma racionalidade homogeneizante inerente ao processo, que não se realiza apenas produzindo objetos/ mercadorias, mas a divisão e organização do trabalho, modelos de comportamento e valores que induzem ao consumo, revelando-se como norteadores da vida cotidiana. Desse modo, esta se apresenta, tendencialmente invadida por um sistema regulador, em todos os níveis, que formaliza e fixa as relações sociais, reduzindo-as a formas abstratas” [1]. O capital tem se mostrado capaz de encontrar formas de penetrar em áreas que possuam uma lógica que o contrarie. Ele se apropria dessas manifestações, dessas resistências e passa a extrair lucro a partir daí. Em Vargem Grande, um lugar que não havia sido sempre visado pelo capital pela via da exploração de seu caráter ecológico, entra na lógica mundial de extração de lucro através de bens ligados à natureza. Nota-se também que a produção do espaço se dá justamente a partir das relações sociais e é por esse viés que se pode perceber que o espaço é construído e concebido por poderes que atuam em diferentes escalas, cada qual agindo de acordo com a lógica que lhe cabe. Assim, “o espaço assume a característica de fragmentado (em decorrência da ação dos empreendedores imobiliários e da generalização do processo de mercantilização do espaço), homogêneo (pela dominação imposta pelo Estado ao espaço) e hierarquizado (pela divisão espacial do trabalho)” [1]. Dentro desta ótica, a presente pesquisa procura analisar os principais segmentos sociais do bairro como os sitiantes, produtores rurais, proprietários de haras e favelados.

Referências:

- 1- CARLOS, A. F. A. **Espaço-Tempo na Metrópole, a fragmentação da vida cotidiana.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2001. 368 p.
- 2- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço.** 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 384 p.